

julho 1998
ano 3
edição meses letivos

O criador da arquitetura moderna brasileira

Abilio Guerra
oculum@uninet.com.br

Boletim Óculum é um informativo de assuntos gerais da Revista Óculum e é publicado pelo Centro de Apoio Didático -CAD- da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Opiniões manifestadas em matérias assinadas não são necessariamente corroboradas pela editoria ou pela direção da escola.

Editor responsável
Abilio Guerra

Correspondentes

Affonso Orciuolo *Espanha*
Cristina Mehrtens *EUA*
Eduardo Aquino *Canadá*
Marcos Tognon *Itália*
M. Pilar P. Pineyro *Uruguai*
Olivia de Oliveira *Suíça*
Paul Meurs *Holanda*
Paulo Diziolli *França*
Pedro Moreira *Alemanha*
Ramón Gutierrez *Argentina*
Vitorio Corinaldi *Israel*

Monitores

André Kaplan
Daniel Carnellosi
Flávio Arancibia Coddou
Flávio Laurini
Priscila Vieira Davini
Tatiana Alarcon

FAU PUC-Campinas

Diretor
Wilson Ribeiro dos Santos Jr
Vice-diretor
Irineu Idoeta
Coordenador de curso
Ricardo Marques de Azevedo

Centro de Apoio Didático
Rod D Pedro I - Km 136
Campus I - CEP 13089-500
Campinas SP Brasil
fone 55 019 754.7156
fax 55 019 255.6376
fau@acad.puccamp.br

Revista Óculum
Alameda Campinas 51
01404-000 São Paulo SP
fone-fax 011 2888950
oculum@uninet.com.br

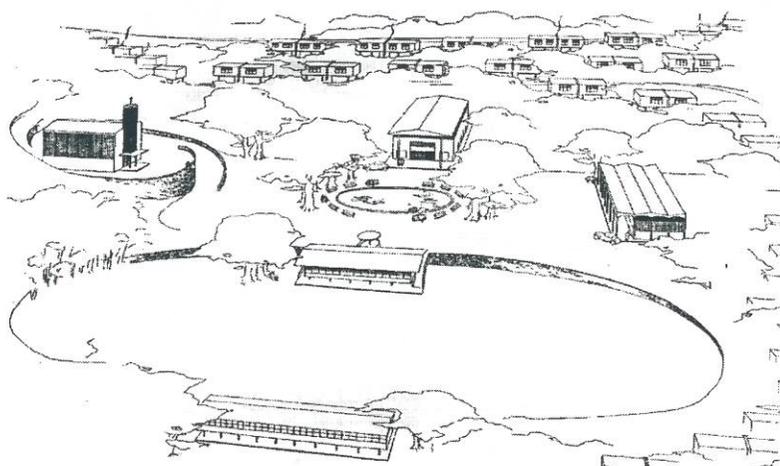
Página Web na Internet
www.puccamp.br/~fau/

Apoio cultural
Apple do Brasil
Daidigital Kodak



DAIDIGITAL

IMPRESSO



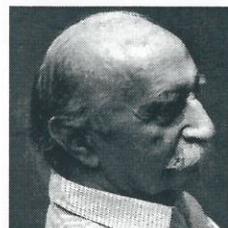
Vila Monlevade, projeto urbano não construído para a Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira, 1934. Abaixo, construção da Praça dos Três Poderes, Brasília, agosto de 1959. Foto Arquivo Público do Distrito Federal.

Em um dos seus croquis para a Vila Monlevade, Lucio Costa representa uma cena familiar: a mãe lavando roupa no tanque, enquanto peças já estendidas no varal batem ao vento; ao seu lado, o bebê brinca sentado no chão; o pai está recostado em um pilotis, com as mãos atrás da cabeça, observando a paisagem emoldurada pela estrutura de concreto armado que sustenta a casa por sobre as cabeças dos personagens. Em outro croqui para o mesmo espaço, um outro homem olha a paisagem enquanto seu vizinho lê jornal deitado na rede amarrada em dois pilares. Cenas onde ressoa a frase de Oswald: "a poesia Pau-Brasil é uma sala de jantar domingueira, com passarinhos cantando na mata resumida das gaiolas, um sujeito magro compondo uma valsa para flauta e a Maricota lendo o jornal".

Busca de uma fusão da ebulição cultural européia com as "raízes nacionais", o modernismo brasileiro das décadas de 20 e 30 é o ponto de partida para a visão urbana de Lucio Costa. Visão que já aparece com todas suas cores em seu texto e croquis para Vila Monlevade, antecipando na forma expressiva e no conteúdo sua participação no concurso para a futura capital brasileira, Brasília. O resguardo da intimidade convivendo com a hegemonia da coletividade; a separação estanque entre centro cívico e as áreas habitacionais; a vegetação tropical exuberante em plena

harmonia com a arquitetura racionalista; a adaptação de recursos construtivos e tipológicos típicos de nossa tradição artesanal de país colonial às características construtivas industriais e estandardizada da arquitetura moderna; a convivência pacífica entre o automóvel e a velha "capistrana", caminho a pé no meio do território sem limites... Visão urbana que constitui uma arquitetura e um urbanismo *cablocos, mestiços*, passo fundamental para a constituição de uma nova tradição. O que muitos atribuem à geração espontânea, na verdade é um engenhoso artifício forjado por homens inteligentes. Lucio Costa foi um deles.

Lucio Costa
editorial
oculum@uninet.com.br



Lucio Costa
1902-98

Lucio Costa nasceu em 27 de fevereiro de 1902, em Toulon, França. Filho de um engenheiro naval a serviço do governo brasileiro, foi educado na Inglaterra e na Suíça. Radicou-se definitivamente no Brasil em 1916, quando a família retornou ao Rio de Janeiro. Formou-se arquiteto pela Escola Nacional de Belas Artes em 1924, à qual retornou como diretor em 1930, promovendo uma frustrada reforma do ensino. Mesmo sem ter conseguido quebrar a espinha dorsal do academicismo, sua passagem pela escola foi suficiente para aglutinar jovens estudantes que seriam em breve os primeiros arquitetos modernos brasileiros. Convocado pelo ministro Gustavo Capanema a projetar a sede do Ministério da Educação, cercou-se dos pupilos: Affonso Reidy, Jorge Moreira, Carlos Leão, Ernani Vasconcelos e Oscar Niemeyer. Trouxe Le Corbusier ao Brasil como consultor e assim nasceu o primeiro arranha-céu corbusiano do mundo. Era o início do período glorioso da arquitetura moderna brasileira. Lucio Costa faleceu, calmamente dormindo em sua casa no Rio de Janeiro, em 13 de junho de 1998.



Cidades Sustentáveis

Affonso Orciuolo e Aline
Bittencourt, Espanha
oculum@arch-mag.com
wap@abaforum.es



"Passeio de Gràcia", Barcelona. Foto de M. Armengol

O Centro de Cultura Contemporânea de Barcelona propõe repensar o desenvolvimento das cidades através da exposição *A Cidade Sustentável*, aberta até 13 de setembro deste ano.

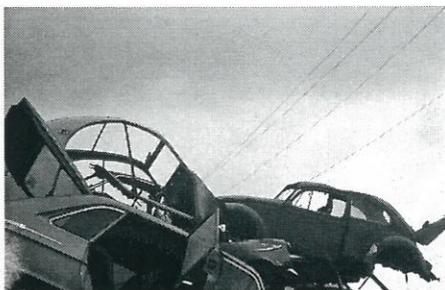
Por desenvolvimento sustentável entende-se a escolha de políticas que equilibrem a preservação do meio ambiente com um desenvolvimento econômico que satisfaça as necessidades das gerações atuais sem comprometer as necessidades das gerações futuras.

A sustentabilidade ambiental implica, além do mais, na manutenção da diversidade biológica, da saúde humana, da qualidade do ar, da água e do solo a níveis que preservem a vida e o bem estar da humanidade, assim como a flora e a fauna.

As cidades são, no final do século XX, o principal cenário dos grandes atos que enfrentam as sociedades. Espaço privilegiado para a criatividade e para a inovação, as cidades, especialmente as ocidentais, são os principais responsáveis pelos problemas sócio-ecológicos que afetam as comunidades em todo o planeta.

Os países ricos consomem três vezes mais do que lhes corresponderia na partilha igualitária dos recursos mundiais. O modelo de cidade ocidental, que desperdiça energia, incentivando a competição e não a cooperação e a participação, se mostra incapaz de enfrentar as crises ecológicas globais e garantir a igualdade e a justiça social.

O modo de vida urbano, nossas pautas de divisão de trabalho, produção industrial, agricultura, consumo e atividades de lazer, nos fazem responsáveis por muitos dos problemas ambientais com que nos enfrentamos. Os atuais níveis de consumo dos recursos nos países industrializados são bastante superiores ao do resto da população mundial. Entretanto, os países mais pobres são os responsáveis pelo rápido incremento da população mundial.



"Sucata de automóveis", foto de M. Armengol

A população humana aumenta em 222.000 pessoas a cada dia. O desenvolvimento sustentável só é possível se o consumo dos recursos e o crescimento da população estão de acordo com as possibilidades de produção do ecossistema. No mundo se produz mais de um automóvel a cada segundo. Da noite para o dia se fabricam mais de 30.000 automóveis.

Uma lógica sustentável para os sistemas urbanos seria aumentar a possibilidade de contato entre os diversos elementos sem que isto causasse um aumento do consumo de energia e de recursos. Em oposição à cidade difusa, com espaços monofuncionais e escrava do automóvel, se coloca a cidade compacta e variada, substancialmente menos consumidora de energia, de espaço e tempo para manter a sua estrutura e organização.

A renda anual de um bilionário é igual à renda de 45% da população mundial. Os países pobres são os mais afetados pelos problemas ambientais. A divisão desigual das riquezas é a causa de um comportamento insustentável, tornando mais difíceis as mudanças que se requerem.

Um habitante de Nova York consome três vezes mais água e produz oito vezes mais lixo que um habitante de Bombaim. Pensar o território de maneira sustentável significa levar em conta os sistemas naturais que se desenvolvem. Portanto, há que introduzir uma nova lógica onde o espaço não urbanizado seja considerado como um sistema tanto ou mais importante que o urbano, que garanta a viabilidade dos sistemas naturais.

O principal objetivo de uma planificação urbana sustentável seria diminuir significativamente os quilômetros percorridos cada dia pelos indivíduos, promovendo iniciativas que incentivem ao máximo o auto-aproveitamento energético e de alimentos, criando vias que tornem possível o intercâmbio de bens e informações e ao mesmo tempo, favorecendo as particularidades de cada região.

No entanto, não podemos esquecer que o desenvolvimento sustentável perde todo o sentido se não for aliado à igualdade e à justiça social. Sabemos que a mistura e a convivência de diferentes elementos é uma enzima potentíssima para catalisar a coesão e a estabilidade social.

Neste sentido, a arquitetura e o planejamento urbano são elementos que devem acompanhar a busca de uma sociedade sustentável, viabilizando especialmente os conceitos anteriormente descritos. Não se trata simplesmente de racionamento de consumo de energia e recursos naturais ou de normas de reciclagem; medidas estas que muitas vezes se confundem com modismos. Trata-se de uma mudança muito mais profunda no cerne das dinâmicas da sociedade pós-moderna, exigindo uma redução do consumo de bens e uma melhor distribuição da riqueza à escala mundial.

Exposição *La ciutat sostenible*, 01abr-13set98, Centre de Cultura Contemporânea de Barcelona, "Casa de Caritat", Montalegre nº 5, 08001 Barcelona Espanha, fon 93 306.4100, fax 93 306.4101

Luta contra o tráfico ilícito de bens culturais

Luiz Antônio Bolcato Custódio
webmaster@iphan.gov.br



Escultura do Menino Jesus do século XVIII, desaparecido em Paraty-RJ, ficha nº 463 na lista de Bens Culturais Procurados do IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Seguindo orientação do Conselho Internacional de Museus - ICOM, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional está lançando a segunda edição da campanha *Luta contra o tráfico ilícito de bens culturais*. A gravidade do assunto e a repercussão da campanha durante o ano de 1997 levaram o ICOM a repetir o tema em 1998. Fundado em 1946, o ICOM é uma organização não-governamental vinculada à Unesco, com sede em Paris, que reúne profissionais de museus de todas as categorias, e atua em 157 países. A luta contra o tráfico ilícito de bens culturais é uma de suas atividades principais.

No ano passado, o trabalho de divulgação da campanha, no Brasil e na América do Sul, propiciou o início de parceria com a Interpol brasileira, para inibir as ações de qualquer modalidade de tráfico de bem cultural. A Interpol mantém em Lyon, na França, um arquivo de imagens e informações sobre bens roubados em todo o mundo.

No Brasil, o IPHAN vem organizando uma base de dados sobre bens desaparecidos. Esta ano está lançando em sua página na Internet o *Cadastro Nacional de Bens Culturais Procurados*, visando informar sobre esses bens, receber denúncias e outras notícias. Já estão cadastradas cerca de 600 peças, apenas nos estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo.

A exemplo do que ocorreu em 1997, esta campanha estará sendo lançada em todo o mundo no dia 18 de maio, data em que se comemora o Dia Internacional dos Museus. Terá duração de um ano, período em que todos os organismos envolvidos com a preservação cultural estarão procurando conscientizar as autoridades e a sociedade em geral para a importância da questão. Por essa razão, esta campanha é atemporal, não se limitando ao dia 18 de maio.

O cartaz da campanha foi impresso conforme orientação do ICOM, onde cada país insere a ilustração de um bem cultural desaparecido. A imagem brasileira escolhida divulga um quadro retratando Dom Pedro II, pintado em óleo sobre tela pelo artista Manuel Pereira dos Reis, em 1855, de propriedade particular, tombado pelo IPHAN e furtado em 1983 na cidade de Petrópolis - Rio de Janeiro.

Luiz Antonio Bolcato Custódio é Diretor do Departamento de Promoção - DEPROM - do IPHAN

IPHAN. SBN C2 bl F, Ed Central Brasília 2º and, 70040-904 Brasília DF, fon 061 414.6194, fax 414.6126, <http://www.iphan.gov.br>

Urbanidade: urbanismo da cidade à megalópole

Jean Paul Dollé, França



Território e democracia

É em Atenas, no século VI a.C. que Clistênio inventou o espaço da cidade – cidade democrática, servindo-se da nova ciência geométrica para promover uma igualdade espacial – onde cada porção de espaço público vale o mesmo que qualquer outro, o que corresponde à igualdade cidadã de todos os homens livres. Desde então, na tradição ocidental, foram associados ao projeto de urbanidade e o exercício da cidadania, pois como dizia um ditado da Idade Média, "o ar da cidade liberta".

A cidade aparece como o lugar mais propício ao aprendizado da civilidade, primeiro passo em direção a uma vontade democrática de vivência coletiva, ou seja, uma forma de conciliar o que parece inconciliável, a existência de diferenças, a invenção de um comum, de um espaço comum. A urbanidade da cidade se mede precisamente a partir dessa capacidade de se fazer comum, comunitária, dispondo de espaços públicos suficientemente numerosos e atrativos para permitir ao cidadão de encontrar-se, localizar-se e aglomerar-se.

A cidade grande tal qual a descreve e sonha Baudelaire, é o lugar propício a todas as trocas e mesclagens, as mesclas. A cidade grande quer ser cosmopolita, aglomerando todas as diferenças e conseguindo, portanto, criar uma identidade além da territorial.

O problema que coloca a Megalópole é saber se ela é uma simples extensão da cidade grande, mais extensa, mais povoada, mas conservando todas as características e as formas que permitem fazer referência ao que qualificamos normalmente de cidade. É uma simples diferença de escala ou trata-se de algo radicalmente diferente, mascarada pelo parentesco lingüístico das noções de urbanidade e de urbanismo?

O urbanismo não seria antes de tudo o nome do exílio da cidade?

A partir de então, como pensar na articulação entre a arquitetura e essa nova forma de estabelecimento humano, a Megalópole?

Desde que os homens moram e circulam, a arquitetura se dedica a resolver esse enigma espacial-temporal: construir o permanente para mortais que passam no decorrer do tempo.

A proliferação dos meios de transporte, cada vez mais rápidos, que encurtam as distâncias e permitem conseqüentemente a existência de aglomerações mais extensas, induz a um novo habitat e uma nova maneira de morar. Como morar uma cer-

ta modalidade do tempo, a rapidez? Como e onde morar quando o tempo é vivido como perpétua mudança do espaço, encarado como um interstício instável de deslocamentos incessantes? Nessas condições como pensar e viver o comum, se faltam os momentos de dividir um lugar comum estável?

Ainda há cidade sem desejo de espaço comum? Hoje a convergência entre o território (cidade, nação) e a representação política democrática entrou em crise. Pois é então necessário mais do que nunca interrogar-se sobre a articulação entre o projeto urbano – com quem, onde e em vista de que viver juntos – e a projeção arquitetônica; enfim, outro desenho político de urbanidade e desenho de formas construídas.

Para isso, a disseminação dos conhecimentos do saber e das experiências arquitetônicas e filosóficas parece pertinente, não buscando seu menor denominador comum, mas ao contrário, guardando sua identidade essencial em relação ao registro das questões que colocam à urbanidade.

Assim a filosofia se interessa não pela política mas pelo que é político, ou seja pelo fato inaudito que possam existir dois grupos estáveis, sobrevivendo aos indivíduos efêmeros que os compõem. Ela é levada a se perguntar novamente se não existe uma ligação lógica e uma permanência histórica entre o ato de construir um recinto como um muro, uma barreira, o que revela competência arquitetônica, e o de instituir uma lei comum, à qual todos podem e devem aderir.

Não adesão sem limitação, não urbanidade sem limiar, desfecho, referência. Filosofia e arquitetura estão no começo, no comando – arcade – pelo menos na área – era – iniciada com a invenção da *ville-cité* e da filosofia.

Essa época está em vias de finalização, ao menos se levarmos a sério o conceito Deleuziano da deterritorialização. Aparecem então fluxos, redes, agenciamentos. Assim, os antigos lugares-ligações são conceitos que devem ser radicalmente repensados.

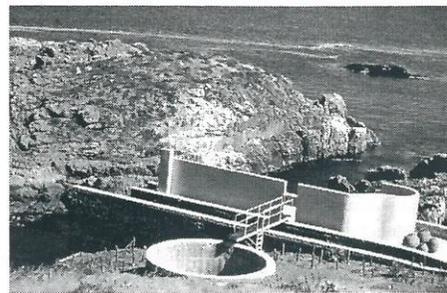
Jean Paul Dollé é filósofo e professor na École de Architecture de Paris La Villette.

Ilustrações de Maurício Fridman e tradução de Flávio Arancibia Coddou e Paulo Diziali



1ª ArqVision, um multi-evento em Campinas em agosto

Jorge Daniel Villar



Residência "Los Vilos", Arq Cristián Boza, Chile

A AREA – Associação Regional de Escritórios de Arquitetura – Campinas, entidade de classe sem fins lucrativos, de utilidade pública, foi fundada em 1988 por um grupo de arquitetos, a maioria oriundos da FAU PUC-Campinas. Na falta de objetiva orientação oficial para a atuação profissional, de comum acordo, decidiram estabelecer critérios e procedimentos de referência. De lá para cá, houve uma sensível mudança de atuação, que foi ampliada e diversificada, crescendo o corpo de filiados (hoje com 80 escritórios), estimulando a criação das AREAs de Ribeirão Preto e São José do Rio Preto.

Na comemoração do seu décimo aniversário, entre 25 e 30 de agosto, a AREA-Campinas realizará o maior multi-evento de arquitetura, construção e decoração do segundo mercado de oportunidades do Brasil: o interior do estado de São Paulo. São componentes: 1) Primeiro Encontro Latino Americano de Profissionais de Arquitetura e Construção (1000 congressistas), com exposições, work-shops e conferências; 2) Primeiro Salão de Profissionais de Arquitetura de Campinas e Região (trabalhos de 30 escritórios em exposição); 3) 1ª Premiação Anual de projetos construídos; 4) 1ª Feira de Produtos e Serviços para Arquitetura, Construção e Decoração (100 expositores) e 5) 1ª Assembléia Anual das AREAs. Exposição da obra de Oscar Niemeyer, inúmeros apoios institucionais e conceituados conferencistas – Miguel Ángel Roca, Argentina; Cristián Boza, Chile; Carlos Morales Hendry, Colômbia; Juvenal Baracco, Peru; Bruno Padovano, Edison Musa, Gian Carlo Gasperini, Gianfranco Vannucchi, Gustavo Penna, José Tibirigá, Henrique Cambiaghi, Paulo Bruna e Rogério Batagliesi, Brasil – demonstram a importância do evento. A 1ª Premiação Anual de Projetos construídos na região ou projetados nela, é aberta à participação de qualquer arquiteto. A organização é da própria AREA, hoje uma entidade com prestígio, que recebeu Diploma de Honra ao Mérito outorgado pela Câmara de Vereadores do Município. Os interessados em participar, devem entrar em contato com Jorge Villar, r Clóvis Beviláqua 267, 13075 040 Campinas SP Brasil, fon/fax 019 243.3958, arq@arqvision.com.br, http://www.arqvision.com.br. Filiados, professores e estudantes tem descontos. Há convênios com Hotéis de diversas categorias e com a VARIG. Agência de turismo oficial: TLM – fon/fax 019 233.4455.

Charlotte Perriand: uma vida de criação

Olivia de Oliveira, Suíça
butikofer.oliveira@span.ch

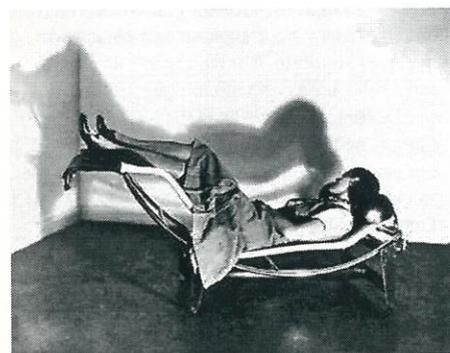
Uma bela surpresa editorial foi recém-lançada: a biografia de Charlotte Perriand. Uma artista constantemente esquecida no meio acadêmico e relegada por uma historiografia misógina, ressurgiu com toda sua alegria de viver. Em seus plenos 95 anos de idade, Charlotte nos encanta narrando sua vida, viagens e obra com um frescor adorável. Muito mais que uma biografia, um livro que nos introduz ao pensamento e à obra desta que foi, não casualmente, associada à Le Corbusier e Pierre Jeanneret durante quase dez anos (1928-37), assinando com eles uma série de móveis revolucionários que se tornaram clássicos, dentre eles, a *chaise longue*. Charlotte revela a potência de Le Corbusier em sua relação pessoal, que acabaria afastando-a do mestre, apesar de jamais abandonar seus ideais. Lembra como recebeu a notícia de sua morte, no Rio de Janeiro, e sua ida à Cap-Martin, acompanhada por Lúcio Costa, para dar o último adeus a Corbu.

Um capítulo inteiro é dedicado à sua experiência no Japão durante os anos 40, onde esteve à convite do Ministério de Comércio e Indústria, como Conselheira de Arte Industrial e professora no Instituto de Arte Industrial de Sendai, o mesmo que, em 1933, havia sido dirigido por Bruno Taut. A descoberta do Japão tradicional, de novos materiais, novas técnicas e diferentes costumes ampliaram seus horizontes, para colocar em marcha seus sonhos de vanguarda. Ela encontrará na simplicidade da casa tradicional japonesa o perfeito acordo entre a arquitetura e a natureza recriada pelo homem, tão procurado pelos ideais corbusianos para a arquitetura moderna.

Charlotte tece ainda comentários muito interessantes sobre Brasília e a arquitetura moderna brasileira, e mostra que nos anos em que viveu no Brasil, pode captar com extrema sensibilidade, as multifacetadas sócio-econômicas do país que atravessava o final da década de 50.

A biografia traz ainda algumas ilustrações da obra de Perriand, mas para os que pretendem se aprofundar, podem recorrer ao catálogo da exposição *Un art de vivre*, realizada pelo Museu de Arts Décoratifs de Paris, em 1985, que foi organizado pela própria autora e editado por Flammarion.

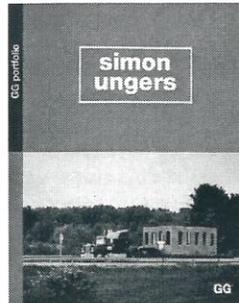
Charlotte Perriand. *Une vie de création*. Paris, Ed. Odile Jacob, 1998, 430p.



Charlotte Perriand deitada sobre chaise longue

Minimalismo e melancolia: a arquitetura de Simon Ungers

Abilio Guerra
oculum@uninet.com.br



Simon Ungers Henry Urbach (introd) coleção portfólio, Ed Gustavo Gili, Barcelona 1998, 64 pág

"As instalações, edifícios, objetos e projetos urbanos de Simon Ungers propõem uma arquitetura de abstração sublime. Totêmicos e evocativos, seus austeros projetos se configuram mediante uma lógica formal restritiva e rigorosa. Ungers persegue um minimalismo robusto, que oculta a elaboração para intensificar certos gestos contundentes. Seja quais forem as características do programa, da implantação, da escala e da construção, os projetos de Ungers se deslocam em última instância até a clareza da imagem, a unidade de volume e a presença inconfundivelmente tectônica". Com esse parágrafo, Henry Urbach inicia *Minimalismo e melancolia*, texto de apresentação da obra do jovem arquiteto alemão Simon Ungers. Trazeno para a análise o famoso texto de Freud, *Luto e melancolia*, Urbach toma a obra arquitetônica de Ungers como uma *Weltanschauung* (visão de mundo). Em seu famoso estudo, Freud distingue dois sentimentos típicos do indivíduo frente à perda do objeto amado – o luto e a melancolia. O primeiro, trabalho paulatino de reelaboração psíquica, permite ao indivíduo uma liberação gradativa ao se submeter ao princípio da realidade. A melancolia, porém, é detonada quando o objeto perdido é subtraído da consciência. Daí o caráter difuso da dor melancólica, pois a fonte do desprazer está ausente e inatingível.

Urbach desloca estes mecanismos para uma chave cultural. Segundo ele, a obra de Ungers é uma resistência ao mundo fragmentário atual, que tem como essência a fugacidade e a ruptura. Como a unidade perdida foi subtraída da consciência cultural do mundo contemporâneo – e portanto do campo do possível – na arquitetura de Ungers ressoa uma especulação melancólica, onde a perda e a ausência não param de pulsar. "Algo amado e perdido subsiste no ar, mas é irrecuperável". Neste sentido, o passado não se entroniza como símbolo, não opera como ordenador do devir. A arquitetura de Ungers está totalmente à margem de uma atitude contextualista ou historicista. Sua dimensão coletiva advém do fato que a perda é coletiva e o mal-estar é de toda uma civilização. A melancolia, neste registro, é uma operação cultural lúcida, pois recupera vestígios da totalidade sem chorar por seus fragmentos irrecuperáveis.

Outros títulos interessantes da Gustavo Gili: *Adolf Krischanitz, Dietmar Steiner e Jos Bosman, 1997. Pisos Piloto. Células domésticas experimentais*, Gustavo Gili Galfetti, 1997. *Diccionario visual de arquitectura*, Francis D K Ching, GG México, 1997

Acontece

Exposição, curso, concurso, encontro e outros eventos culturais

Biblioteca Ócolum – CAD FAU PUC–Campinas
Por uma poética popular da arquitetura, Júlio de Lamonica Freire, Universidade Federal do Mato Grosso, Cuiabá, 1997. E os seguintes títulos da Studio Nobel: *A cidade vertical e o urbanismo modernizador*, Nadia Somekh. *História viajante: notações filosóficas*, Olgária Matos. *O desmanche da cultura*, Mike Featherstone. *Espaço intra-urbano no Brasil*, Flávio Villaça.

XX Congresso da UIA – Beijing 99

O tema para a competição de estudantes será *Habituação urbana para o século 21*. Info: 8# Zhuzong Dayuan, East Beichen Rd., Chaoyang Dist., Beijing 100101 China, fon 86 10 6492.4782, fax 86 10 6492.4722, uiabeijing99@public.gb.com.cn

Seminário "História da cidade e do urbanismo"
O Mestrado em Urbanismo da FAU PUC–Campinas organiza, 14-16 out98, o "V Seminário História da cidade e do urbanismo". Info: Secretaria da Pós-graduação da Faupuccamp. fon 019 754.7088, fax 019 754.7196, email VSHCU@acad.puccamp.br

Forum de jovens arquitetos na França

A Federação Mundial de Jovens Arquitetos promove Forum Internacional que tratará do desenvolvimento sustentável da região do rio Agly, sul da França. Currículos dos arquitetos interessados serão avaliados até o final de julho. Info: <http://www.acesso.com.br/~jodin/fmjia.htm>

Curso de verão na Architectural Association
Aberto para estudante e arquiteto, de 13 a 31 jul, o curso "FLUXion: unfolding the city from within" estará enfocando uma área periférica de Londres, local onde convivem o desenvolvimento e a pobreza. Info: Deborah Street, Summer School, Architectural Association School of Architecture, 34-36 Bedford Square, London WC1B 3ES, fon 00 44 171 887 4000, fax 0171 414 0782, email: arch-assoc@arch-assoc.org.uk, site: <http://www.arch-assoc.org.uk>

Arquitetura de Artigas e Reidy em Londres
A exposição *Brazil Still Builds: The work of Vilanova Artigas e Affonso Reidy* ocorreu no mês de junho na Architectural Association. Foi organizada pelo arquiteto Michael Henzel com a colaboração do Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi, da Fundação Vilanova Artigas e dos arquitetos Nabil Bonduki, Álvaro Puntoni e Rosa Artigas. Próximas exposições: Paulo Mendes da Rocha (nov98) e Jovens Arquitetos (mai-jun99). [Ligia Velloso Nobre]

Eventos de informática em Santa Catarina
A UFSC promove de 30ago a 02set a I Conferência Latino-americana de informática no ensino de arquitetura e o IV Seminário nacional de informática no ensino de arquitetura. Info: UFSC Dep. de Expressão Gráfica, CP 476, 88040-900 Florianópolis SC. Fax 048 331.9988, fon 048 331.9978. coinfra@arq.ufsc.br <http://www.arq.ufsc.br/COINFA>